

Transtorno bipolar: muito além das mudanças de humor

Problema é mais comum entre jovens de 19 a 24 anos e pode estar relacionado a transtornos alimentares e de personalidade

Jordânia Souza

Quem nunca acordou de mau humor ou ficou muito feliz graças a uma notícia boa? Alternâncias entre tristeza e alegria são comuns, mas há um tipo de mudança no estado emocional da pessoa que pode caracterizar um problema psiquiátrico, o transtorno bipolar. Segundo estimativas da Associação Brasileira de Psiquiatria, a doença atinge cerca de 4,2 milhões de brasileiros e tem o descontrole de humor como um de seus principais sintomas. “No transtorno bipolar existe uma discrepância. A tristeza e a euforia ocorrem independentes do que está acontecendo no ambiente”, explica o psiquiatra Fernando Neves, professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFMG.

Além da alternância entre um estado emocional eufórico e depressivo, o diagnóstico do transtorno bipolar também compreende outros sinais, como a dificuldade de concentração, o pensamento acelerado e alterações do sono e apetite. Segundo Fernando Neves, esses sintomas também variam de acordo com níveis de bipolaridade. “As alterações precisam ser constantes, contando a partir de três dias para o paciente bipolar tipo II e uma semana para o tipo I, que é quando a pessoa também pode apresentar episódios psicóticos, sendo um grau mais grave do problema”, detalha.

Mas os problemas emocionais causados pelo transtorno são apenas uma das preocupações quanto à gravidade da doença. Artigos publicados recentemente por um grupo de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul indicam que as alterações descontro-

ladas de humor provocam uma sobrecarga nas atividades cerebrais, o que pode causar uma espécie de inflamação e, conseqüentemente, a perda de conexões neuronais. “É possível que essas alterações levem a uma redução da quantidade de comunicação entre os neurônios, ou seja, a quantidade de sinapses. Então é como se provocasse uma atrofia do neurônio e de algumas regiões do cérebro”, comenta o psiquiatra Fernando Neves.

Tratamento

Outro problema relacionado às alterações neuronais provocadas pelo transtorno é a dificuldade que alguns pacientes encontram para retomar suas atividades diárias.

É por isso que o tratamento deve ir além da administração de medicamentos. “O que temos proposto no Hospital das Clínicas da UFMG é a reabilitação cognitiva, que é fazer com que o paciente volte a ter sua vida normal, principalmente as suas atividades laborativas”, explica o professor Fernando Neves, que também é coordenador do Serviço de Psiquiatria do HC.

O médico acrescenta que o paciente bipolar corre mais risco de desenvolver doenças cardio-

vasculares e pulmonares e sua expectativa de vida diminui 15 anos, em média. Além disso, o problema pode estar associado a outros transtornos, como os alimentares e de comportamento. “É por isso que o médico, ao atender o paciente bipolar, deve ter uma visão mais global sobre a doença”, afirma o psiquiatra.

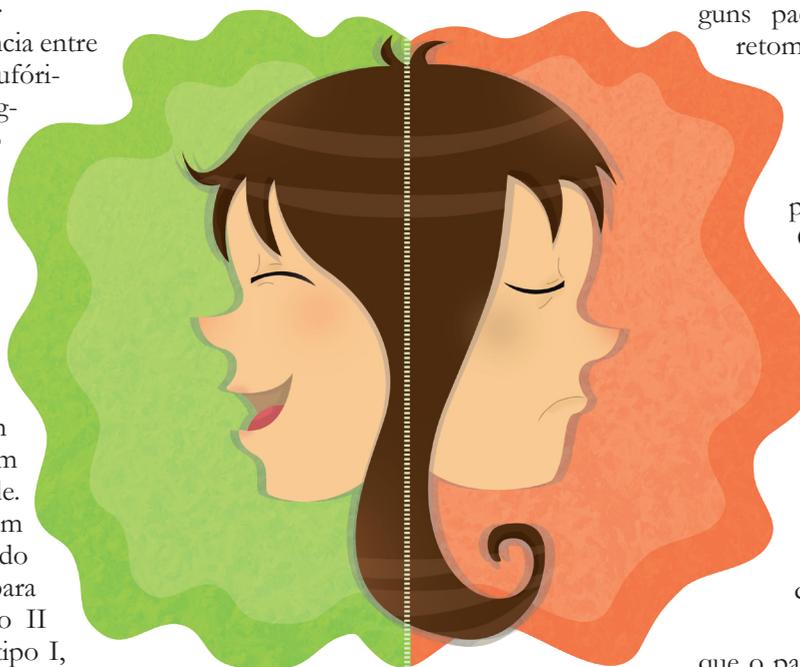


Ilustração: Carina Cardoso

Estudo investiga atuação de medicamentos

Victor Rodrigues

Estabilizadores de humor são os medicamentos mais utilizados para tratar pacientes com transtorno bipolar, mas seus mecanismos de atuação ainda são pouco conhecidos. Em tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da UFMG, o pesquisador Luiz Alexandre Magno investigou esses processos.

O estudo enfocou a relação da proteína NCS-1 com o efeito dos medicamentos utilizados no tratamento do transtorno bipolar. De acordo com Luiz Alexandre, compreender a relação da NCS-1 com o transtorno é importante devido às funções que ela executa. “Esta

proteína é chave para a manutenção do equilíbrio da comunicação entre certos tipos de neurônios e, possivelmente, de processos mentais regulados pela transmissão de dopamina, como a regulação do humor”, esclarece.

Ao tratar cobaias que simulavam os efeitos do distúrbio com dois dos estabilizadores de humor mais utilizados, valproato e lítio, os níveis de NCS-1 no cérebro foram normalizados, e o comportamento das cobaias voltou ao normal. Resultados similares foram encontrados também em testes realizados com células de neurônios humanos, validando ainda mais os achados do estudo.